



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA



XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024

INCURSÕES INICIAIS SOBRE A CARTOGRAFIA SOCIAL: UM SABER DE LUTA E EMANCIPAÇÃO

Eduardo Pedro Marques Araújo do Nascimento¹; Ana Isabel Leite Oliveira²

1. Bolsista – Modalidade Bolsa/PROBIC, Graduando em Licenciatura e Bacharelado em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: edm.qs2001@gmail.com
2. Orientadora, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ailoliveira@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: cartografia social; bibliometria; desertificação.

INTRODUÇÃO

A Cartografia Social é uma ferramenta que ultrapassa a simples criação de mapas, ela abarca uma variedade de objetivos importantes, em contextos sociais, comunitários e ambientais. Não somente, a medida em que ela atua no empoderamento comunitário ao envolver as comunidades no processo de criação de mapas, a Cartografia Social permite que essas comunidades documentem e visualizem seu próprio conhecimento local. (Acselrad, 2008).

Os trabalhos iniciais sobre a Cartografia Social revelam seu potencial transformador, destacando-se como um instrumento que busca promover justiça social e autonomia. Através da colaboração comunitária e do uso de tecnologias acessíveis, a Cartografia Social se consolida como uma prática emancipatória, capaz de influenciar políticas públicas e de proporcionar uma maior solidariedade entre os diversos atores sociais (Oliveira *et al.*, 2022).

A Cartografia Social é ancorada por métodos participativos, nos quais os indivíduos desempenham papel autoral ou são coprodutores em mapeamentos. Embora não sejam novidade, são atuais e sustentam propostas democráticas e inovadoras. Tanto no Brasil quanto internacionalmente têm sido aplicados em campos diversos (Chambers, 2006; Fox *et al.*, 2008; Gorayeb & Meireles, 2014; Linhares & Santos, 2017), com destaque para o mapeamento participativo, considerado o método mais desenvolvido e difundido (Chambers, 2006).

MATERIAIS E MÉTODOS

RESULTADOS

Figure 1 consists of two network graphs. The left graph is a dense network with many nodes and edges, representing a large number of research topics and their relationships. The right graph is a sparser network with fewer nodes and edges, representing a smaller number of research topics and their relationships. Both graphs use color-coding to group related topics. The left graph has a central cluster of nodes labeled 'participatory mapping' and 'mapping', surrounded by other clusters. The right graph has a central cluster of nodes labeled 'participatory mapping' and 'mapping', surrounded by other clusters. The nodes are labeled with various research topics, and the edges represent the relationships between them.

Gráfico 1

Na rede bibliométrica apresentada pelo gráfico 1, as palavras-chave *participatory mapping* juntamente a *participatory approach* e *mapping*, são os *Clusters* que representam

agrupamentos. Os clusters centrais são os mais utilizados, enquanto que as extremidades mostram termos menos citados, porém, possuem relação com os grupos centrais.

Na análise do gráfico 2, os *clusters* simbolizam autores, enquanto as extremidades mostram a colaboração entre eles. Os autores que costumam fazer trabalhos em conjunto se manifestam como *clusters*. Assim, o *cluster* representado pelo autor Greg Brown, apresenta pela sua centralidade, a sua relevância e relação entre os outros autores nas extremidades da rede. Vale ressaltar, a representação de outros *clusters* de autores relevantes como Marketta Kytta, Christopher M. Raymond, Nora Fagerholm, Tobias Plieninger, apesar de não apresentarem centralidade, possuem importância devido às relações com o autor central e outros subgrupos. Para a compreensão das principais instituições ou países com produção sobre Cartografia Social foi gerado o Gráfico 3. Percebe-se a diversidade de países dos autores que utilizaram a Cartografia Social em seus trabalhos, demonstrando grande participação de autores da Finlândia, Austrália, Dinamarca e Reino Unido, enquanto a análise de países por coautoria geral, apresenta uma centralidade ligada principalmente a trabalhos ligados ao Reino Unido, Alemanha, Finlândia e Países Baixos.

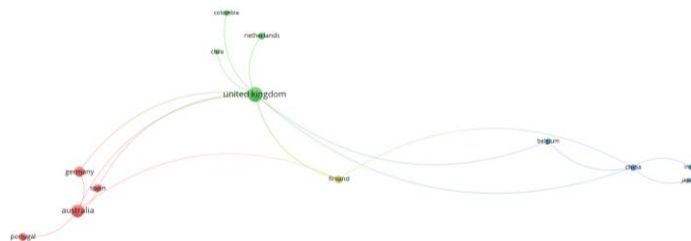


Gráfico 3: Principais Países por Coautoria. Fonte: Elaborado pelo autor no *VosViewer*.

Em relação a desertificação, dentre os 4 artigos encontrados, nenhum utilizou o mapeamento participativo, enquanto método da Cartografia Social, em sua metodologia. O que pode demonstrar baixa aplicação do mapeamento participativo em estudos de desertificação. No entanto, a busca em apenas um banco de dados é insuficiente para fazer afirmações, devendo o estudo ser ampliado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, concebe-se que a Cartografia Social pode proporcionar representações diversificadas e emancipatórias do espaço geográfico, em detrimento das abordagens tradicionais que, muitas vezes, são centradas em perspectivas externas, deixando de considerar fatores relevantes como a voz popular, experiências e conhecimentos locais. Logo, pode promover uma visão e gestão mais inclusiva e justa do espaço geográfico.

Com este estudo, verificou-se haver diversidade de termos no campo da Cartografia Social, bases teórico-conceituais de caráter contra hegemônicas, crescente uso do método em diversas áreas do conhecimento pela importância do protagonismo comunitário e pouca aplicação em estudos realizados em áreas de desertificação. Havendo a necessidade de ampliação do estudo para outros bancos de dados de publicação científica para consolidação dos resultados.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H; COLI, L. R. 2008. Disputas cartográficas e disputas territoriais. *In*: ACSELRAD, H. (org.): *Cartografia social e território*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Rio de Janeiro.
- CHAMBERS, R. 2006. Participatory mapping and geographic information systems: whose map? Who is empowered and who disempowered? Who gains and who loses? *The Electronic Journal of Information Systems in Developing Countries*, 25(2): 1-11.
- FOX, J; SURIANATA, K; HERSHOK, P; PRAMONO, A. H. 2008. O poder de mapear: efeitos paradoxais das tecnologias de informação espacial. *In*: ACSELRAD, H. (org.): *Cartografia social e território*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Rio de Janeiro.
- GORAYEBE, A; MEIRELES, J. 2014 [online]. *A Cartografia social vem se consolidando com instrumento de defesa de direitos*. Entrevista, Rede Mobilizadora. Homepage: <http://www.mobilizadores.org.br/entrevistas/Cartografia-social-vem-se-consolidando-com-instrumento-de-defesa-de-direitos/>
- LINHARES, T. dos S; SANTOS, L. F. U. dos. 2017. Mapeamento participativo: subsídio à gestão participativa e ao manejo sustentável de recursos naturais de comunidades tradicionais. *Sociedade e Território*, 29(1): 50-70, Natal.
- OLIVEIRA, A. I. L.; LOBÃO, J. S. B.; CHAO, R. B. 2022. Mapeamento Participativo: principais aspectos, definições e experiências. *In*: LOBÃO, J. S. B.; OLIVEIRA, A. I. L.; JUNIOR, I. O. *Cartografia Social: (re)descobrimos saberes*, UEFS Editora, Feira de Santana, Bahia, p. 17-66.
- URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, Rubén. 1984. A bibliometria no Brasil. *Ciência da Informação*, 13(2): 91-105.